

CARTOGRAFIA: ARTE DA IDADE MÉDIA E SUA UTILIZAÇÃO COMO MATERIAL DIDÁTICO DO ENSINO BÁSICO

SANTOS, Daniele Nascimento dos¹
VIANA, Adriano Carvalho²

Resumo - A presente pesquisa busca uma reflexão da importância da contextualização da cartografia produzida na Idade Média e utilizada nos livros didáticos do Ensino Fundamental – Anos finais fornecidos pela rede pública. Utilizamos como metodologia a análise bibliográfica e documental. Destacamos suas especificidades em relação aos mapas-múndi tradicionais apresentados nos livros e atlas utilizados no ensino de geografia.

Palavras-Chave: Cartografia, mapa-múndi, Idade Média, livro didático.

Introdução

O homem sempre teve interesse em representar o espaço em que ocupa através de desenhos e mais tarde de forma mais complexa através dos mapas. Por meio do estudo dessas representações podemos entender sua visão de mundo e a forma com que se relaciona com o seu entorno. Para entender essas concepções acerca do espaço devemos compreender o contexto em que foi produzido.

Na presente pesquisa serão analisados dois mapas-múndi medievais e como são utilizados no material didático no Ensino Fundamental – Anos finais oitavo ano, com alunos entre 12 e 13 anos.

Essa pesquisa se desenvolveu a partir da preocupação da não contextualização dos documentos por parte do material didático usado nas aulas de geografia, pois prejudica o entendimento dos alunos sobre a Idade Média que já possui estigmas do senso comum.

A cartografia se desenvolveu ao longo dos anos, mudando sua abordagem e a forma que é vista pela sociedade. A partir do século XVI houve uma preocupação quanto à forma científica

¹ Possui graduação em Geografia - Faculdades Integradas de Ariquemes (2017) e graduação em História pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (2014), Especialização em História, Civilização e Pensamento Medieval pelo Centro Universitário Assunção (2019). Atualmente é professora da Rede Municipal de Araçariçuama. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Medieval. E-mail: humanasprof@gmail.com

² Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (PPGFIL), na área de concentração: Linguagem e Conhecimento. Pós-graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual do Mato Grosso. Possui graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção- UNFAI (2014). É graduando em Direito. É graduando em Teologia do Centro Universitário Internacional- UNINTER. É graduando em Letra-Português. É professor de Filosofia do Ensino Médio no Estado de São Paulo. Foi docente do ensino fundamental e médio (Língua Portuguesa, Filosofia e Língua Inglesa), ensino Fundamental II e Ensino Médio. Foi coordenador do Colégio Marly Sarney (atualmente Tia Celina); foi professor de Língua Inglesa- Colégio Coeducar e Assistente Pedagógico. E-mail: acarvalho.acv@gmail.com

de se produzir mapas, buscou-se romper com a arte representada nos mapas, pois era considerada imprópria, os mapas deviam apenas representar o espaço como é, ou seja, as formas, relevo, espaço etc.

A relação que a sociedade atual tem com cartografia difere daquela produzida no século XII, atualmente a cartografia é uma ferramenta que está intimamente ligada à representação do real.

Os mapas analisados são os de Henrique de Mogúncia de 1100, pois é o precursor do inferno na cartografia abordada nessa análise, o mapa de Ebstorf de 1236 e uma vez que é os mais utilizados no material didático.

A falta de uma análise metódica dos mapas-múndi medievais prejudica o entendimento sobre esse período. É importante que os discentes compreendam que essa forma de confecção de mapas tinha outros objetivos além da representação do espaço, a mentalidade acerca do espaço não está ligada a ignorância, mas está relacionada à forma que viam e sentiam o mundo.

Dessa forma foi feito uma pesquisa quanto a maneira que os mapas-múndi são apresentados aos alunos na apostila do oitavo ano, percebeu-se que não há uma introdução acerca dos motivos e intenções daqueles que produziam os mapas, os significados dos símbolos utilizados e principalmente o contexto em que foi produzido não é explorado, o que dá espaço para interpretações preconceituosas sobre a Idade Média, reforçando estigmas sobre esse período.

A Produção Cartográfica do Século XII

O estudo sistemático acerca da cartografia surgiu no século XIX com a necessidade de separar a técnica cartográfica da arte. O termo cartografia foi criado por Manuel Francisco Carvalhosa em 1839, o pensamento cientificista marcou esse período, renegando as formas de representação iconográficas de outrora.

Os mapas medievais eram considerados apenas exemplo do atraso da sociedade medieval, sendo observadas apenas as influências religiosas presentes nos mapas sem uma análise do contexto histórico e da representação que compunha os mapas.

Alguns discursos se desenvolveram nessa linha de pensamento se apropriando da cartografia medieval apenas para constituir um modelo do que defendiam como retrocesso dessa sociedade permeada pelo pensamento cristão de acordo com Nebenzahl (1986, p. 41) “a mais dramática ilustração de como a imaginação religiosa medieval distorceu a ciência cartográfica”.

Esse conceito sobre a cartografia medieval perdura, reconhecendo exclusivamente a cartografia moderna como ciência, desenvolvida a partir das grandes navegações. É equivocado crer que o simbolismo desapareceu da cartografia a partir da era moderna. Claramente existem distinções entre as cartas náuticas e os mapas-múndi, é preciso analisar as heranças e as reminiscências de longa duração de determinadas estruturas mentais.

Nessa direção a cartografia se desenvolveu de formas diferentes em cada época, e no século XII ela representava um universo de símbolos para a sociedade medieval ocidental. Os símbolos presentes nos mapas fazem parte do modo que essa sociedade entendia e representava o mundo cristão. Segundo Sandra Pesavento (2003, p.39) as representações “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real, indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”.

Nesse sentido essa sociedade buscava representar o seu mundo por meio das imagens, seja na cartografia, nos vitrais, nas tapeçarias e etc, a sociedade medieval possuía uma prática extremamente atada às imagens.

As classes hierarquizadas da idade média tinham raízes cristãs profundas, o feudalismo se desenvolveu juntamente com a religião cristã que também se tornou uma ideologia para esses grupos, cada grupo social possuía seu modo de aproximação com o divino, não obstante essa sociedade detinha heranças da antiguidade que foram ressignificadas segundo Baschet (2006, p. 337) “é dominada pelo passado, referência ideal de legitimação dos fatos presentes, mas, como veremos adiante, acrescenta aí o peso esmagador do futuro, sob a forma de espera escatológica de um além-eterno”.

O culto aos deuses pagãos não era mais permitido, mas o costume ainda era presente no cotidiano das pessoas, assim a igreja buscou formas de substituição, o culto aos deuses se tornou amor aos santos, os templos se tornaram igrejas, o sacrifício de animais converteu-se no sacrifício de Cristo.

Portanto era comum haver nos mapas monstros e animais maravilhosos de lugares ainda desconhecidos ou imaginados seguindo o discurso bíblico além de incorporar as heranças de povos antecessores.

Os mapas-múndi eram a representação do imaginário, aquilo se desconhece, mas é comum a todos, pois é formado pelo imaginário coletivo. Os mapas produzidos pelos monges cartógrafos tinham uma função pedagógica dentro dessa sociedade século XII, além de serem

apreciados como arte, eles eram feitos dentro das catedrais, diferente das cartas náuticas que necessitavam de uma maior mobilidade para serem manuseadas.

Os monges encarregados desse trabalho não estavam preocupados com a precisão dos locais, ou com a cartografia náutica que se desenvolvia nesse período, o foco de interesse era outro, desde Papa Gregório a imagem é defendida como forma de instruir as pessoas, o uso do ícone não era aceito pelos clérigos, mas compreendeu-se que as imagens eram de extrema importância numa sociedade iletrada, assim alcançando todos os fiéis independente de sua posição social.

Dessa forma quando se analisa um mapa-múndi medieval é notável a presença de elementos do imaginário desse período. A forma que as pessoas viam o mundo está ligada intimamente a forma de confeccionar os mapas.

Assim o imaginário é uma forma de representação do pensamento social de determinado período que não está de forma concreta na realidade das pessoas, mas que faz parte do cotidiano seja dentro das histórias que são contadas dos mapas-múndi produzidos ou nas lendas e etc.

Pode-se encontrar nesses mapas elementos do imaginário medieval, a forma que se desenvolve o maravilhoso, seja ele de origem pagã ou cristã. Segundo Le Goff:

O imaginário medieval está fundado sobre a crença em um mundo invisível mais rico que o mundo visível, cabendo ao imaginário justamente revelar toda a magnificência do primeiro aos olhos humanos que se limitam ao segundo. Com seu amplo leque de aparições e visões, o imaginário é parte essencial da realidade histórica medieval (LE GOFF, 2008, p. 72).

Os mapas-múndi medievais não devem ser analisados como mapas marítimos, mapas estes que eram feitos para localização e viagens, também conhecidos como cartas portulanos.

Diferentemente dos mapas atuais os mapas-múndi estavam ligados a uma literatura, algo para ser apreciado e admirado como uma obra de arte, além de representar uma concepção de mundo.

Quando um mapa é analisado fora de seu período de confecção as interpretações sobre ele podem ser equivocadas. Cada elemento de um mapa-múndi possui um sentido que necessita ser analisado para ser compreendido. Os elementos estão relacionados á forma que os povos enxergavam o mundo e como utilizaram a herança dos povos anteriores.

As concepções trazidas dentro dos mapas-múndi não são apenas uma visão isolada da sociedade medieval, mas sim um agregado de ideias, convicções e imaginários de sociedades anteriores que contribuíram para o imaginário representado na cartografia do século XII, o que se vê representado nos mapa-múndi não é uma criação puramente da sociedade que o produziu

Uma análise da iconografia presente na cartografia é importante, pois por meio dela entendermos como o período que o precedeu a influenciou com suas crenças, mitos e objetos; dentro da religião cristã há alguns elementos que são de origem pagã e foram convertidos para cultura cristã.

A herança do período anterior pode ser incorporada pela nova sociedade que está se formando ou negada, mas não é escolhida, também não está livre dos elementos herdados, pode ser dado um novo significado, mas não é criado apenas por um grupo sem influências do passado.

Quanto à produção dos mapas-múndi medievais deve-se compreender que os padres ou monges responsáveis pelas suas confecções não estavam preocupados quanto ao formato da terra, pois eles tinham outra finalidade, representar o discurso bíblico, fazer uma conexão entre o plano terreno e o Além. Representar dentro dos mapas o Além, para Le Goff:

O Além foi um dos grandes domínios do imaginário medieval. Inspirou uma importante literatura de ficção e uma rica iconografia, testemunhando a fecundidade da atividade criativa dos artistas medievais. Ele se constituiu num grande reservatório de imagens encarnando a ideologia e a sensibilidade cristãs e desempenhando um papel concreto na luta escatológica do cristão: escada para subir ao Céu, balança que pesa a alma, boca ou poços do Inferno nos quais se tenta não cair, fogo ao qual escapar (LE GOFF, 2017, p. 29).

A cartografia uniu esses dois mundos e trouxe a extensão do mundo espiritual para o mundo terreno, assim estavam localizáveis dentro dos mapas o imaginário acerca do Além.

O Além devia estar visível para o fiel, assim era compreensível a todos o local onde se estaria após a morte, tornando esse local quando representado nos mapas. O Além se tornou acessível assim estabelecendo relações com o maravilhoso.

Segundo Carvalho (1997) o maravilhoso atingiu muitos aspectos da vida do homem do século XII e XIII. Independente da sua posição social, porém o que nos traz mais interesse refere-se ao maravilhoso geográfico, as ilhas da cartografia medieval, os habitantes das Terras maravilhosas, quer sejam humanos com aspecto animalesco ou animais imaginários, o maravilhoso bíblico imaginado na Terra, o maravilhoso literário a descrever terras sobrenaturais.

Mas como podemos definir esse maravilhoso? Para a atualidade, o maravilhoso é uma categoria que buscamos estudar e entender sua influência em diferentes partes do cotidiano da sociedade medieval. Para os clérigos medievais não há essa separação, há sim uma coleção de objetos que uma categoria específica.

Le Goff ainda ressalta que até o século XI havia uma repressão desse maravilhoso, a igreja ainda estava se consolidando até esse período, portanto esse maravilhoso de raízes pré-cristãs não era de interesse religioso, pois a religião estava fortalecendo sua presença entre a população.

No século XII há uma irrupção do maravilhoso entre os eruditos, entre os locais que podemos destacar esse maravilhoso aparece à cartografia com os monstros maravilhosos e as pessoas de aspectos animais, essa irrupção acontece, pois não havia mais a necessidade de suprir esse maravilhoso, agora pode ser usada a favor dos ensinamentos cristãos, podia-se domesticá-lo, servindo a Igreja e não mais ameaçando sua posição na hierarquia social.

Os cavaleiros tinham a necessidade de uma identidade que o pertencesse, que não fosse ligada a aristocracia, o enfrentamento de monstros e aventuras maravilhosas lhe dava o espaço que necessitavam. Segundo Le Goff (1983, p. 23) “o maravilhoso está profundamente ligado a esta procura da identidade individual e coletiva do cavaleiro idealizado”.

Nesse período a cartografia se destaca como uma forma de arte e de representação das passagens bíblicas, esse maravilhoso já mencionado também está presente na cartografia. Na esfera religiosa Eliade (1999, p. 122) “o tempo não é nem homogêneo nem contínuo, há, por um lado, os intervalos de tempo sagrado, o tempo das festas e, por outro, há o tempo profano, a duração ordinária, na qual se inscrevem os atos privados de significados religioso”.

O uso da imagem levou tempo para ser aceito dentro da igreja, cerca de dois séculos para a tradição imagética ganhar força e se consolidar dentro do cristianismo, o que viria ser depois uma tradição extremamente importante para o estudo desse período.

Inicialmente eram imagens simples dentro das catacumbas que exaltavam a fé, a devoção e a esperança de salvação, representando passagens bíblicas importantes, posteriormente a produção de imagens ganhou destaque dentro da igreja, criando grandes obras, pinturas, estátuas, mantos e etc.

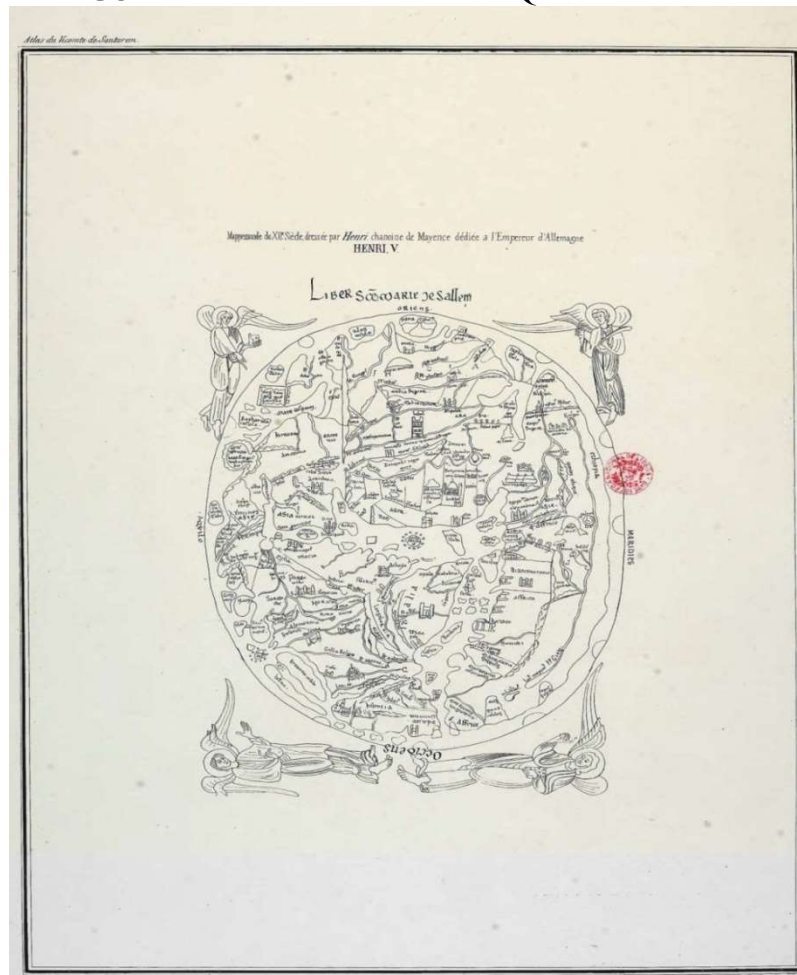
A produção imagética se tornou uma característica da igreja cristã, sendo também criticada por outros vertentes que se desenvolveram. Segundo Honório Augustodunense: “Por três causas uma pintura deve ser feita; primeiro porque ela é a literatura dos laicos, segundo para ornar propriamente a casa do Senhor, terceiro para que a vida dos ancestrais seja trazida de volta pela memória (*apud* BORGES, 2017, p. 64).

A proibição de idolatria estava mais voltada às divindades pagãs e a igreja cristã desenvolveu uma vasta cultura de imagens, cultura essa que permitiu a extensão do domínio religioso por meio da imagem, portanto há segundo Huizinga (2010, p. 247) “uma necessidade

irrestrita de dar forma a tudo o que é sagrado, de dar materialidade às ideais religiosas, de modo que elas sejam impressas no cérebro como uma gravura de traços bem marcados”.

Os Mapas-Mundi Medievais

FIGURA 1 – MAPA-MÚNDI HENRIQUE DE MOGÚNCIA



Fonte: Atlas do Visconde de Santarém (1791).

Este mapa foi produzido por Henrique de Mogúncia um cônego da Igreja de Santa Maria da cidade de Mogúncia.

O cônego confeccionou-o para o Rei Henrique V e foi o primeiro a introduzir o inferno no mapa-múndi, os mapas produzidos pelos clérigos da época eram acompanhados de textos, nesse caso o mapa fazia uma alusão ao texto do De Imagine Mundi de Honório de Autun, que dentre outros temas trata do inferno. Conforme Ribeiro:

Portanto, é recorrendo a figuração visível que Henrique leva o conhecimento do mundo ao imperador. Ilustrando o de Universo de Honório de Autun, a

narrativa elaborada pela figuração organiza o espaço, determinando suas fronteiras naturais e sobrenaturais, e o tempo. O tempo histórico, tempo passado dos acontecimentos terrestres e o tempo escatológico, tempo futuro, da vida pós-morte (RIBEIRO, 1999, p.1020).

Segundo Carvalho (1997) outra característica dessa época foi considerar a Geografia importante para sustentar a existência de lugares bíblicos, a ponto de podermos fazer um paralelo com a reinterpretação da História feita por S. Agostinho na obra *A cidade de Deus*.

A interpretação e a disseminação da doutrina cristã tomaram o lugar da observação no trabalho de rever as fontes clássicas do conhecimento geográfico.

Os mapas-múndi tinham a função de resumir visivelmente as crenças que eram passadas dentro da igreja, os locais que eram citados na Bíblia deviam estar ao alcance do imaginário dos fiéis, dando o sentimento de proximidade com o Além. Assim, tornando reais esses locais desejáveis como o céu, e punitivos como o inferno. Segundo Kimble nos mostra que:

A influência clerical sobre o conhecimento foi responsável das duas das mais importantes características do mapa mundo típico: primeiro a proeminência dada aos aspectos bíblicos e topográficos e, em segundo, a sobrevivência de certas tradições na época em que o conhecimento recente estava tornando-as insustentáveis ou no mínimo exigindo modificações (KIMBLE, 2005, p. 239).

Por conseguinte, os dois planos se tornavam visíveis aos olhos das pessoas, por mais que esse local não fosse ser visitado, o fato de ser representado cumpria o papel desejado, de ensinar, ilustrar e tornar pedagógico os ensinamentos bíblicos.

Esse método de produção de mapas perdurou até o século XV como podemos ver no mapa-múndi de Andrea Bianco de 1436 onde representa o Paraíso Terrestre, isso nos mostra que o método foi de longa duração, mesmo havendo um avanço nos termos de produção geográfica nesse período devido às grandes navegações que estavam acontecendo.

A questão da localização do paraíso terrestre durou mesmo após o fim da Idade Média sendo uma questão acadêmica quando o bispo Huet de Avranches escreveu o seu *Tractatus de Situ Paradisi Terrestris* no século XVIII.

Observando o formato dos mapas-múndi é possível reconhecer o conjunto de crenças sobre o qual a sociedade estava inserida, uma leitura mais minuciosa dos mapas produzidos nesse período nos permite um aprofundamento nas relações entre os fiéis e os ensinamentos bíblicos de acordo com Borges (2005, p. 69) “a história do homem se confundia naturalmente com a história bíblica”.

O cristianismo utilizou imagens para propagar seus ensinamentos, e a cartografia foi usada no mesmo sentido. A descrição que Paulo faz sobre o inferno aparece nos mapas como local que existiu de fato. Segundo o apócrifo de Paulo:

Eu parti com o anjo (diz Paulo) e ele me transportou em direção ao pôr do sol, e eu vi o início do céu repousando sobre um grande rio líquido. E eu interoguei: “o que é este rio líquido?”. Ele me disse: é o oceano que cerca toda a terra, e quando nós fomos no exterior do oceano, eu olhei e não havia luz nesse lugar, mas trevas, tristeza e aflição e eu suspirei. E eu vi lá um rio de fogo fervendo. (CAROZZI, 1994) *apud* (RIBEIRO, 1999, p. 1022).

Esta descrição de Paulo é usada como um relato verídico de um local, os fenômenos naturais serviam como comprovação de uma descrição bíblica, ou seja, um vulcão podia ser interpretado como um inferno, a priori se encaixava dentro das descrições relatadas. As referências bíblicas estão presentes em todos os mapas-múndi, mas Henrique de Mogúncia é o primeiro cartógrafo a inserir o inferno em seu trabalho.

Mapa este que servirá de modelo para os próximos mapas como de Ebstorf e Hereford, seguindo um padrão de longa duração dessa forma de produzir mapas.

Este padrão de arte unia a terra com os reinos imaginários, identificando locais existentes na Bíblia, como o inferno. Os reinos de Deus e Satã seriam localizáveis dentro de uma geografia do além.

FIGURA 2 – CARTA DE EBSTORF



Fonte: Mapa de Ebstorf 1236. Disponível em: <https://fotola.com/berylum/parroula/document-parroula41871d025ca90.html>. Acesso em: 02 set. 2019

Em todos os mapas-múndi o Jardim do Éden está no extremo Oriente dos mapas, seguindo assim a narrativa de criação, o paraíso junto ao limite asiático é uma forma de lembrar às pessoas a corrupção da humanidade pelo pecado, podemos ver nesse mapa o corpo de Cristo abarcando todo o mundo habitado, o corpo de Cristo é um componente reproduzido diversas vezes com significados diferentes, mas sempre de forma a elucidar sua importância. “Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste. Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos, pois nele aprouve a Deus” (COLOSSENSES 1:17-19).

Os elementos presentes no mapa respeitam uma hierarquia segundo Borges (2017, pg. 115) “muito além de sua dimensão simbólica, figurativa e cartográfica, esta rígida verticalização hierárquica encontra-se no epicentro das relações de dominância e poder que regem a sociedade medieval”.

Análise da Utilização do Mapa de Ebstorf no Ensino Básico

Tendo em vista esse panorama sobre os mapas-múndi produzidos no século XII não podemos deixar de ressaltar o contexto cartográfico quando vamos utilizar essas obras no ensino básico.

O mapa estudado na apostila analisada é a Carta de Ebstorf, produzida por Gersávio de Tilbury no ano de 1284. O material analisado não traz uma introdução sobre o período em que foi produzido, o seu papel dentro da sociedade e qual a sua função pedagógica.

A contextualização de um documento histórico possibilita que o aluno entenda as referências e conceitos que o material traz e possui, sua análise sem essa introdução induz o discente ao erro, causando pré-conceitos que posteriormente serão difíceis de desconstruir sozinho.

Por vezes a cartografia medieval é usada como símbolo de atraso, reforçando o discurso da falta de uma ciência durante a idade média, esse discurso estimula pré conceitos acerca da idade média, criando visões estereotipadas desse período.

Sem uma análise aprofundada do contexto em que esses mapas foram produzidos e quais os seus reais significados e objetivos dentro da sociedade que o produziu não há possibilidade de construção de conhecimento.

Em um seminário ocorrido em 2008 um discurso com esse viés foi promovido:

A cartografia cristã da Alta Idade Média pretendeu representar a imagem física da Terra baseando-se em toda uma concepção abstrata da natureza, impondo um largo período de estancamento na evolução histórica da

cartografia e da geografia. Somente a lente recuperação do empirismo científico durante os séculos XII e XIII permitiu que a cartografia náutica, totalmente consolidada no século XIV, superasse definitivamente todas as concepções simbólicas das quais temos feito referência neste trabalho. (SANZ, 2009, p. 86) *apud* (BORGES, 2017, p. 96).

A cartografia a partir do século XVI buscou romper com a arte, legitimando sua importância como ciência, negando a forma abstrata retratada dentro dos mapas-mundi, essa forma de representar a cartografia é refletida nos materiais didáticos usados na escola de ensino básico.

A produção cartográfica do século XII é colocada como atrasada, retrograda, sem métodos científicos válidos, apenas usada na sala de aula como forma de mostrar como a sociedade medieval estava presa ao pensamento cristão, sendo assim impedida de avançar cientificamente.

No cerne de uma concepção de mundo preponderantemente alegórica e idealista, o universo era pensado e traçado segundo sua dimensão simbólica fazendo com que a representação de determinados espaços assumisse um significado que não raras vezes transcendia a simples referência física e geográfica de seus domínios (BORGES, 2017 p.98).

O papel do material didático nas aulas é contribuir com o docente na sua prática, de forma a permitir diferentes diálogos e interpretações na relação professor e aluno.

A forma que cada sociedade concebe o mundo, o seu espaço e sua representação acontecem de modos diferentes, os símbolos atribuídos as formas torna a visão daquela sociedade única, não cabendo julgamentos posteriores, cabe aos estudantes buscar as interpretações devidas para o entendimento dessas representações para que possa se desenvolver um estudo aprofundado que gere conhecimento acerca daquele período.

O espaço cartográfico medieval é, portanto, pensado e construído a partir de uma ótica específica, que, perpassando a confecção intelectual e material de seus mapas-múndi, se estende às mais distintas ramificações do saber medieval. (BORGES, 2017, p. 99).

Deve-se compreender que a forma que a cartografia medieval se desenvolveu está ligada ao imaginário da época, na cartografia atual a forma que se desenvolve também está ligada ao nosso imaginário, a Europa está no centro do mapa, a forma mais comum de representação é o planisfério sendo convencional a América à esquerda, essa forma de cartografia foi desenvolvida pelos países economicamente dominantes, a forma dos países é evidenciada em

detrimento dos tamanhos. Dessa forma percebe-se que a forma científica também possui o contexto imaginário.

No material analisado nota-se que não há uma preocupação quanto ao período que o mapa foi produzido, apenas traz questionamentos quanto à visão do autor acerca do mundo, por vezes o professor que recebe a apostila que é discutida não possui uma formação específica quanto aquele período, o que também contribui para que não haja uma análise adequada da cartografia medieval.

FIGURA 3 – CADERNO DO ALUNO, VOLUME 1.



Observe o mapa de Ebstorf, cujo original mede quatro metros de altura. Em sua opinião, este mapa fornece alguma pista sobre a visão de mundo do autor? Justifique sua resposta.

Carta de Ebstorf, Gervásio de Tilbury, 1284 (cópia do Landesmuseum, Hanover)



Fonte: Caderno do Aluno, Geografia. Ensino fundamental – Anos finais 7ª Série/8º Ano. Volume 1, 2014-2017. São Paulo.

Dessa forma a visão acerca da Idade Média se torna superficial não havendo uma discussão complexa dos fundamentos da elaboração dos mapas-múndi medievais.

Considerações Finais

A denominação Idade Média por si só é pejorativa, ao longo da história esse período foi menosprezado de diversas formas sendo usado como sinônimo para atraso, degradação, violência e etc. Nas últimas décadas há um esforço acadêmico para desmistificar essas visões e

elucidar como a Idade Média contribuiu vigorosamente com o desenvolvimento de inúmeras técnicas de trabalho, múltiplos medicamentos, numerosos trabalhos de arte, manuscritos e etc.

Conjuntamente a cartografia recebeu o mesmo tratamento, sendo vista apenas como um retrato dos retardos da civilização medieval, mas novos significados e sentidos estão sendo descobertos na iconografia dos mapas-mundi.

Por conseguinte, o material didático consumido dentro das escolas deve abranger essas novas percepções, pois é por meio da educação das novas gerações que preconceitos e estereótipos serão desconstruídos.

Um estudo aprofundado da cartografia medieval esclarecerá as visões e sentimentos presentes na sociedade medieval. Deve-se considerar o imaginário por trás das imagens produzidas para torná-las coerentes.

CARTOGRAPHY: MIDDLE AGES ART AND ITS USE AS TEACHING MATERIAL IN BASIC EDUCATION

Abstract - The present research seeks to reflect on the importance of contextualizing cartography produced in the Middle Ages and used in elementary school textbooks - Final Years provided by the public network. We used as a methodology the bibliographic and documental analysis. We highlight its specificities in relation to the traditional world maps presented in the books and atlases used in the teaching of geography.

Keywords: Cartography, world map, Middle Ages, textbook.

Referências

BORGES, Thiago José. *A tradição dos Loca Sancta: Sacralização e representação dos espaços sagrados no ocidente medieval cristão (séculos VIII-XV)*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, UNB, Brasília, 2017.

BORGES, Thiago José. *O tempo e os mapas; formas, percepções e representações do tempo nos mappaemundi medievais*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, UNB, Brasília, 2015.

CARVALHO, Márcia Siqueira. *O pensamento Geográfico Medieval e Renascentista no Ciberespaço*. Tese (Pós Doutorado).

IOKOI, Zilda M. Gricoli; NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria. *História: Fronteira*. Santa Catarina: Anpuh, 1999.

- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Portugal: Editorial Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- KIMBLE, George H. T. *Geografia na Idade Média*. Londrina: Uel, 2000.
- RABELO, Lucas Montalvão. *Os mapas da Idade Média: representações das concepções religiosas e das influências da Antiguidade Clássica*. 2015. Tese (Mestrado em História) – Universidade do Amazonas, FAPEAM, Amazonas, 2015.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *O sentido da história: tempo e espaço na cartografia medieval (séculos XII-XIII)*. 1ª ed. Niterói: Tempo, 2002.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *O inferno e o paraíso: Cartografia e paisagem (séculos XII-XV)*. Brasília: História Revista, 2000.